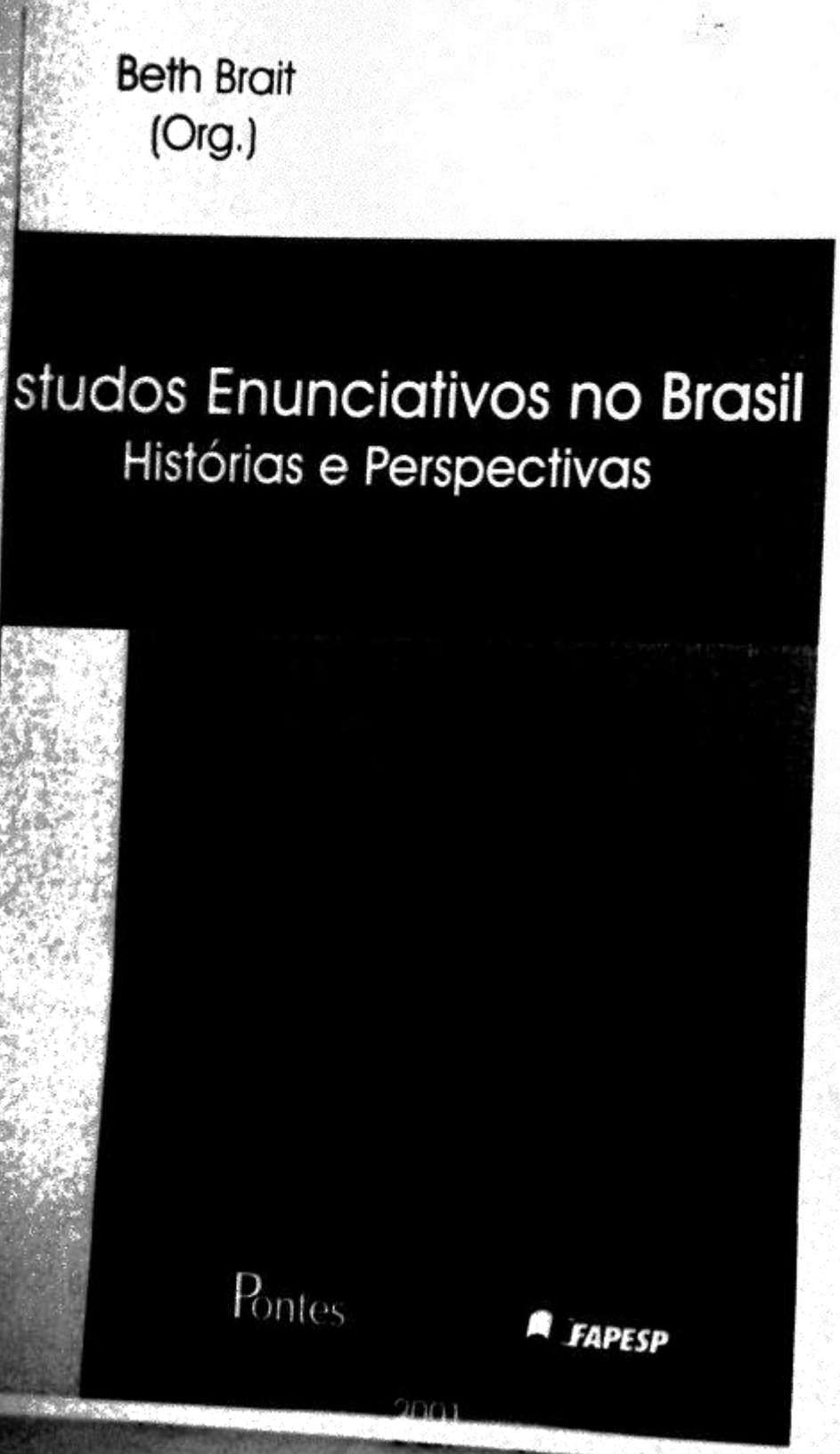

LINGÜÍSTICA TEXTUAL: RETROSPECTO E PERSPECTIVAS

Ingedore G. Villaça Koch

1. INTRODUÇÃO

Embora freqüentemente se diga que a Lingüística Textual ou Teoria do Texto é um ramo recente da Lingüística, esta afirmação vai perdendo a sua validade: a Lingüística do Texto, hoje, atingiu a maturidade, visto que conta, atualmente, com mais de 30 anos. A origem do termo, aliás, remonta a Coseriu (1955), embora ele só tenha sido empregado pela primeira vez, com o sentido que possui hoje em dia, por Weinrich (1966, 1967).

Desde então, a Lingüística Textual vem tendo um grande desenvolvimento, tendo passado por momentos diferentes e se inspirado em diferentes modelos teóricos, o que não deixa de ser bastante natural numa ciência em formação. Pode-se dizer, porém, que a selva terminológica e a diversidade de abordagens vêm se rarefazendo e que, agora, já existem mais convergências que divergências. É claro que o que se deseja não é um corpo teórico monolítico e ortodoxo, mas é previsível que, dentro de mais alguns anos, muitos dos conceitos da L.T. já se encontrem estabelecidos de forma mais ou menos consensual.

2. PRINCIPAIS MOMENTOS NA EVOLUÇÃO DA L.T.

Tendo surgido de forma independente e quase simultânea em vários países da Europa e, mais especialmente, na Alemanha, o desenvolvimento da Lingüística Textual não se deu de forma homogênea e não se atrelou, como dissemos, a uma perspectiva teórica hegemônica.

Já há mais de vinte anos, Conte (1977) distinguia três momentos fundamentais na passagem da teoria da frase à teoria do texto: o da análise

transfrástica, o das gramáticas textuais e o da teoria ou lingüística do texto. Frisava a autora não tratar-se de uma distinção de ordem cronológica, mas, na verdade, de ordem tipológica . Embora aceite, em linhas gerais, a existência de superposições entre os três momentos, sou de opinião, contudo, que há, sim, uma certa cronologia envolvida nesta sucessão.

O que se percebeu, em primeiro lugar, foi justamente a necessidade de ultrapassar os limites da frase, para dar conta de certos fenômenos como: referenciação, elipse, repetição, seleção dos artigos (definido e indefinido), concordância de tempos verbais, relação semântica entre frases não ligadas por conectivo, vários fatos de ordem prosódica e assim por diante. Tentou-se, então, encontrar regras para o encadeamento de sentenças, a partir dos métodos até então utilizados na análise sentencial, procurando ampliá-los para dar conta de pares ou seqüências maiores de frases. Passou-se, assim, a observar, no nível interfrasal - ou transfrástico- uma série de fatos já estudados no nível sentencial - questões relativas, como vimos, à correferência, à conexão entre orações, à relação tópico/comentário, entre outros . O texto, nesse momento, é definido como "seqüência pronominal ininterrupta" (Harweg, 1968) ou "seqüência coerente de enunciados" (Isenberg, 1970; Bellert, 1970). Tanto estudiosos da linha estruturalista, como da linha gerativista dedicaram-se a pesquisar tais questões.

As tentativas de desenvolver uma lingüística textual na linha de uma lingüística da frase ampliada ou corrigida mostraram-se, todavia, insatisfatórias e acabaram sendo abandonadas. Por isso, cogitou-se em elaborar *gramáticas textuais*, com o objetivo de refletir sobre fenômenos não explicáveis por meio da gramática sentencial. Novamente, envolveram-se nesta tarefa, estruturalistas, como Weinrich, bem como seguidores da Gramática Gerativa ou, pelo menos, estudiosos que se formaram no interior desse paradigma. É o caso, por exemplo, de Van Dijk (1972), Lang (1971,1972) e Petöfi (1972, 1973).

Abandona-se, pois, o método ascendente - da frase para o texto . É a partir da unidade mais altamente hierarquizada - o texto - que se pretende chegar, por meio da segmentação, às unidades menores, para, então, analisá-las e classificá-las. Contudo, tem-se claro que a segmentação e a classificação só poderão ser realizadas, desde que não se perca a função textual dos elementos individuais, tendo em vista que o texto não pode ser definido simplesmente como uma seqüência de cadeias ou elementos significativos. O texto é considerado como o *signo lingüístico primário*, atribuindo-se aos seus componentes o estatuto de signos parciais (Hartmann, 1968).

Dentro desta perspectiva, o texto, visto como a unidade lingüística hierarquicamente mais elevada, constitui, portanto, uma entidade teórica, formal, da *langue* (em oposição ao discurso, considerado unidade de

uso, da *parole*), cujas estruturas possíveis em cada língua devem ser determinadas pela regras de uma gramática textual. Tais gramáticas constituíram, portanto, uma tentativa de descrição do texto como entidade uniforme, estável e abstrata, procurando-se detectar o sistema gerador subjacente como um sistema imanente. Sua novidade consistia na explicitação de princípios morfológicos, sintáticos e semânticos operantes na ultrapassagem do nível da frase , ou seja, na construção da unidade lingüística mais alta (T), passando-se, assim, a legitimar o texto como objeto da ciência lingüística.

Exemplos destas gramáticas são as postuladas por Teun van Dijk (1972) e por Petöfi (1973). Interessante é observar o que é dito na introdução da obra de van Dijk (*Some Aspects of Text Grammars*), especialmente se comparado ao pensamento mais atual deste autor, conforme será visto mais adiante:

> Ao longo deste livro será defendida a posição de que muitos fenômenos relevantes e sistemáticos da linguagem natural são propriedades do 'discurso' e que estas propriedades não podem ser descritas adequadamente nos tipos de gramática existentes. Nosso objetivo é apresentar argumentos formais e empíricos decisivos em favor desse ponto de vista e elaborar um aparato teórico global para uma teoria mais adequada da língua. Isto é, pretendemos tornar explícita, numa gramática, a noção abstrata de TEXTO, subjacente ao que é intuitivamente conhecido como 'discurso coeso (van Dijk, 1972:1).

Já a gramática proposta por J. Petöfi constitui, segundo o autor, "uma gramática textual com uma base fixada de modo não-linear" (*Textgrammatik mit nicht-linear festgelegter Textbasis*), ou seja, em que a base textual consta de uma representação semântica indeterminada com respeito às manifestações lineares das seqüências textuais, sendo estas manifestações lineares determinadas pelo componente transformacional do modelo. O autor postula ser este modelo de gramática - em que o léxico, com suas representações semânticas intensionais, desempenha papel de destaque - apto a tornar possível: a) a análise de textos, isto é, a atribuição, a uma manifestação linear, de todas as bases textuais possíveis; b) a síntese de textos, ou seja, a geração de todas as possíveis bases textuais; c) a comparação de textos, visando, inclusive, ao estabelecimento de tipologias textuais.

Com o passar dos anos - e com o declínio da influência da gramática gerativa-transformacional - foi-se fazendo notar a inviabilidade de se elaborarem "gramáticas" do texto, no estilo das gramáticas da frase. O projeto revelou-se demasiado ambicioso e - acima de tudo - pouco produti-

vo: como estabelecer as regras capazes de descrever todos e apenas todos os textos possíveis em uma língua natural L? Não haveria sempre a possibilidade de surgirem textos que não se enquadrassem nelas ou que viessem a colocá-las em xeque, ou, ainda, novos tipos de textos não previstos pelas regras da gramática? Estas são apenas algumas das perguntas que acabaram por levar ao abandono da tarefa.

Chega-se, assim, à fase da Teoria do Texto ou da Lingüística Textual propriamente dita, que se propõe como tarefa investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos. Os textos passam a ser estudados dentro de seu contexto pragmático, isto é, o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, de modo geral, como o conjunto de condições - externas ao texto - da produção, recepção e interpretação dos textos.

3. PRINCIPAIS DESENVOLVIMENTOS NO INTERIOR DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL

Pelo que foi dito acima, torna-se possível falar em diversas gerações de lingüistas que se dedicaram ao estudo do texto.

3.1 Entre os pertencentes à primeira geração, que, contrariamente ao que se fazia até então, propunham o texto como objeto de estudo da lingüística, dando o primeiro - e importante - impulso à Lingüística Textual, encontram-se, entre outros:

Paul Hartmann (1968, 1971), para quem, conforme se disse, o texto é o signo lingüístico primário, a unidade lingüística hierarquicamente mais alta, já que se fala por meio de textos e não de palavras ou frases isoladas;

Roland Harweg (1968), também um dos pioneiros da Lingüística Textual na Alemanha, que defende, em sua obra *Pronomina und Textkonstitution*, que o texto é "uma sucessão de unidades lingüísticas constituída por uma cadeia de pronominalizações ininterruptas", caracterizando-se basicamente pelo fenômeno do múltiplo *referenciamento* - o que significa que, para que uma seqüência de frases venha a constituir um texto, é necessário que os mesmos referentes sejam retomados em cada uma delas através de formas "pronominais" em sentido amplo, ou seja, por meio das diversas formas de substituição, como os vários tipos de pronomes, numerais, alguns advérbios, repetições ou expansões lexicais, etc;

Harald Weinrich (1964, 1967, 1976), cujos trabalhos estiveram sempre voltados para a construção de uma *macrossintaxe do discurso*, com base no tratamento textual de categorias gramaticais como, por exemplo, os artigos e os tempos verbais e que postulava como método heurístico o da "partitura textual", que consiste em unir a análise por tipo de palavras e a estrutura sintática do texto num só modelo, como se se tratasse de "uma partitura musical a duas vozes". É dele a célebre distinção entre tempos verbais do *mundo comentado* e *do mundo narrado*, que, hoje, é praticamente de consenso na área e tem orientado inúmeras pesquisas sobre a questão da função discursiva dos tempos verbais. Como estruturalista, definia o texto como uma seqüência linear de lexemas e morfemas que se condicionam reciprocamente e que, também reciprocamente, constituem o contexto. Isto é, o texto é uma "estrutura determinativa", um "andaime de determinações", onde tudo está necessariamente interligado. Assim sendo, para ele, toda lingüística é necessariamente lingüística de texto. Em 1993, veio à luz sua *Gramática Textual da Língua Alemã* (Textgrammatik der Deutschen Sprache), em que o autor põe em prática a idéia acalentada há tantos anos de elaborar uma gramática textual.

Dieter Wunderlich (1968,1976,1985), que foi um dos principais responsáveis pela incorporação da pragmática às pesquisas sobre o texto, tendo tratado, em suas obras, de questões relativas à dêixis, aos atos de fala e à interação face-a-face de modo geral, tendo sido um dos autores mais referendados na área, em particular na década de 70.

Siegfried J. Schmidt (1973, inter alia), para quem o texto é qualquer expressão de um conjunto lingüístico em um ato mais global de comunicação - isto é, em um "jogo de atuação comunicativa"- tematicamente orientado e preenchendo uma função ilocucionária reconhecível. Para ele, a textualidade é o modo de toda e qualquer comunicação transmitida por sinais, inclusive os lingüísticos. Esta posição o levou a preferir a denominação Teoria do Texto, tendo-se dedicado a um estudo predominantemente sociológico - embora também lingüístico, em sentido amplo - do objeto "texto".

Elisabeth Gülich, cujos trabalhos, ora individuais (por exemplo, Gülich, 1970, 1981), ora em co-autoria, como é o caso de Gülich & Raible (1977), Gülich & Kotschi (1987) e Gülich & Quastoff (1986), vêm tendo grande projeção desde a década de 70. Entre seus objetos de pesquisa, destacam-se os articuladores textuais (*Gliederungssignale*), os procedimentos de reformulação textual, a narrativa oral (principalmente nos trabalhos em

conjunto com U. Quastoff), bem como a interação face-a-face de forma geral.

Cabe lembrar, ainda, Werlich (1979), idealizador de uma tipologia textual, que veio a servir de base, posteriormente, para o trabalho de vários outros autores; Eugenio Cosériu , Wolfgang Motsch, Heinz Vater, Wolgang Raible, Reinhard Meyer-Hermann, Horst Isenberg, ao lado de muitos outros autores alemães, bem como Janos Petöfi e Ewald Lang, acima mencionados, além de Wolfgang U. Dressler e Teun A .Van Dijk, de quem se falará a seguir.

Também não é possível falar de Lingüística Textual sem mencionar alguns autores funcionalistas, cujos trabalhos, embora não sejam comumente considerados como fazendo parte dos quadros dessa disciplina, tiveram enorme importância no seu desenvolvimento. É o caso de Halliday & Hasan (1976), cuja obra *Cohesion in English* define e explicita o conceito de coesão, básico para os estudos textuais; e dos funcionalistas da Escola de Praga (Danes, 1970, 1974; Firbas, 1971; Mathesius, 1961; Sgall, 1970,1974), entre outros), que descreveram a organização hierárquica da informação em frases e seqüências textuais, a partir de uma perspectiva funcional, desenvolvendo as noções de tema/rema, dinamismo comunicativo e progressão temática, que não só se mostraram bastante produtivas para o estudo do texto, como podem ser também consideradas como um de seus pontos de partida.

Importante é aqui ressaltar que, desde os anos 70, na Alemanha e em diversos países da Europa, a Lingüística Textual, contrariamente ao que muitas vezes se pensa, tem tido por objeto de investigação tanto textos escritos, como textos falados, o que acarretou, inclusive, o grande desenvolvimento dos estudos sobre as interações orais nesses países.

Tais estudos, porém, se diferenciam em parte daqueles dos etnometodólogos, antropólogos e sociólogos empenhados na Análise da Conversação, que têm seus interesses centrados nos aspectos sócio-interacionais propriamente ditos da interação face-a-face, visto que os lingüistas de texto, a partir das pesquisas por aqueles efetuadas, vão dar ênfase aos aspectos textuais e discursivos dessa interação. Assim, tomam por objeto de estudo fatos como a estrutura (tópica e argumentativa) da conversação, as atividades de construção do texto falado (antes encaradas, preconceituosamente, já que vistas sob o ideal da escrita, como "perturbadoras da continuidade" e responsáveis pela "fragmentação", "incompletude" e, portanto, "imperfeição" da fala; os encadeadores de discurso e/ou marcadores conversacionais, a coesão e a coerência na conversação, entre outros temas de relevância.

Por considerar-se o texto muito mais que uma simples soma de frases, postula-se que a compreensão e a produção de textos depende de uma capacidade específica dos falantes - a competência textual - que lhes permite, por exemplo, distinguir um texto coerente de um aglomerado aleatório de palavras e/ou sentenças, bem como parafrasear um texto, perceber se está completo ou não, resumi-lo, atribuir-lhe um título ou produzir um texto a partir de um título dado.

3.2 De meados da década de 70 aos primeiros anos da de 80, destacam-se os trabalhos de uma segunda geração de pesquisadores em Lingüística Textual, alguns dos quais constituem desenvolvimentos da obra de autores que faziam parte da primeira geração, outros resultantes de pesquisas que ampliavam os horizontes da disciplina, indicando-lhe novos rumos. Deixou de ser a principal preocupação quer o estudo das relações interfrásticas, quer a construção de gramáticas textuais, assumindo o primeiro plano a reflexão sobre a textualidade e as condições ou critérios para a sua concretização. A ênfase passou a recair nos aspectos globais do texto enquanto unidade funcional, nas questões ligadas ao processamento textual, enfocando-se mais o **processo** que o produto e concebendo-se o texto como resultado da atividade de sujeitos em interação. Talvez os nomes mais importantes desta fase sejam os de W.U. Dressler, Robert de Beaugrande e Teun A . van Dijk.

Robert de Beaugrande e Wolfgang U. Dressler

Na obra *Einführung in die Textlinguistik*, Beaugrande & Dressler (1981) procedem ao levantamento do que denominam critérios ou padrões de textualidade, que, segundo eles, seriam sete: coesão e coerência (centrados no texto); informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade (centrados no usuário). A obra é dedicada ao exame de cada um desses critérios, bem como ao estudo do processamento cognitivo do texto, tomando por base os pressupostos da semântica procedural. A maioria dos trabalhos posteriores na disciplina incorpora essas questões, inclusive alargando o rol dos fatores de textualidade e dedicando especial atenção à questão da coerência (cf., entre outros, Koch & Travaglia, 1989, 1990). Ambos os autores já haviam produzido anteriormente obras importantes na área (Dressler, 1972, 1977; Beaugrande, 1980).

Analisando e reavaliando hoje essa obra, Beaugrande (1997:61) escreve:

Este enfoque desviou-se do 'texto-artefato' como uma unidade formal ou padrão para os princípios da textualidade que se aplicam quando um artefato é tratado como texto. Propusemos que a textualidade não é simplesmente uma *propriedade lingüística* ou *traço* ou um conjunto deles, mas um *modo múltiplo de conexão* ativado toda vez que ocorrem eventos comunicativos. Estávamos impelidos a restaurar a conexão social do texto com o contexto e dos produtores e receptores de texto com a sociedade, formalmente eclipsados por nosso foco convencional no autor e texto individual.

Teun A. Van Dijk

Os estudos de Teun A. van Dijk, que pode ser considerado, sem dúvida, um dos fundadores da disciplina, têm uma trajetória interessante, que acompanha em parte a própria trajetória da Lingüística Textual.

Inicialmente apegado ao aparato teórico da gramática gerativa, Van Dijk procura elaborar uma gramática textual (cf. Van Dijk, 1972), projeto que abandona já na segunda metade da década de 70, quando passa a dedicar-se ao estudo do que denomina macroestruturas textuais - e, por decorrência, à questão da produção de resumos (van Dijk, 1980; Kintsch & van Dijk, 1978) e das *superestruturas* ou *esquemas textuais* .

Na obra que recebeu em espanhol o título *La Ciencia del Texto* (1983), traduzida do original holandês - Tekstweteschap - publicado em 1978, o autor postula ser a Lingüística Textual uma ciência essencialmente interdisciplinar e apresenta uma visão bastante abrangente de suas pesquisas na área naquele momento.

No início da década de 80, parcialmente em co-autoria com Walter Kintsch (cf., por exemplo, Van Dijk & Kintsch, 1983), o autor devota-se ao estudo das estratégias de processamento textual , buscando construir um modelo estratégico de compreensão do discurso.

Visto ser a notícia de jornal um dos esquemas textuais que lhe merece especial atenção (Van Dijk, 1985, 1986), seu foco de interesse volta-se, a seguir, para o modo como o preconceito racial e outros tipos de atitudes discriminatórias são veiculados através dos meios de comunicação social, podendo ser detectadas através da forma como o texto é construído (por exemplo, Van Dijk, 1987, 1988, 1989, 1993). Insere-se, desta maneira, na linha que se vem autodenominando *Análise Crítica do Discurso*, procurando explicar o papel da cognição social e das ideologias na sociedade, além de mostrar como, através do discurso, se opera a sua reprodução e a legitimação do poder.

3.3 Uma das tônicas da década de 80 foram os estudos sobre coesão e coerência textuais, em que se ampliou de forma significativa o conceito de coerência anteriormente aceito, passando-se a postular que não se trata de mera propriedade ou qualidade do texto em si, mas de um fenômeno muito mais amplo: a coerência se constrói, em dada situação de interação, entre o texto e seus usuários, em função da atuação de uma complexa rede de fatores, de ordem lingüística, sócio-cognitiva e interacional. Vieram a público diversas coletâneas sobre o assunto (Charolles, Petöfi & Sözer, 1983; Neubauer, 1983; Petöfi, 1986; Sözer, 1985; Conte, Petöfi & Sözer, 1989, entre várias outras), além de artigos e obras individuais. Também no Brasil, as pesquisas sobre coesão e coerência textuais tiveram grande desenvolvimento, frutificando em uma série de obras sobre o assunto. Podem-se mencionar, entre muitos outros, os trabalhos de Marcuschi (1983), Koch (1987,1989, 1992); Koch & Travaglia (1989, 1990); Fávero (1991) e Bastos (1985).

4. TENDÊNCIAS ATUAIS E PRINCIPAIS PERSPECTIVAS

Há, ainda, tendências mais recentes que vêm tendo reflexos importantes nos estudos textuais. Com o desenvolvimento cada vez maior das investigações na área de cognição, as questões relativas ao processamento do texto, em termos de produção e compreensão, à representação do conhecimento na memória, aos sistemas de conhecimento postos em ação por ocasião do processamento, às estratégias sócio-cognitivas e interacionais nele envolvidas, entre muitas outras, vêm ocupando o centro dos interesses de diversos estudiosos do campo. A título de exemplo, podem-se citar as obras de Heinemann & Viehweger (1991), Koch & Oesterreicher (1990), Nussbaumer (1991), Adam (1990 e 1993), de van Dijk (1994, 1995,1997), e, em nosso país, uma série de trabalhos desenvolvidos por Marcuschi e por Koch (cf. Koch, 1997), para citar apenas alguns. Tais autores dão ênfase, também, aos processos de organização global dos textos, à questão da referência textual, ao tratamento da oralidade e da relação oralidade/escrita, bem como ao estudo dos gêneros textuais, este agora conduzido sob outras luzes - isto é, na perspectiva bakhtiniana, voltando, assim, a questão dos gêneros a ocupar lugar de destaque nas pesquisas sobre o texto e revelando-se hoje um terreno bastante promissor.

Cabe mencionar aqui, além da obra de Jean-Michel Adam (1993) já citada, os trabalhos de psicólogos do grupo de Genebra, conduzidos por Bernard Schneuwly, Joachim Dolz, Jean-Paul Bronckart, entre outros, que, com base no estudo dos gêneros textuais, vêm propondo o seu ensino por meio de *seqüências didáticas* elaboradas para esse fim.

O estudo da língua falada ganha, também, uma projeção cada vez maior, como se pode verificar na obra de Koch & Oesterreicher (1990), acima mencionados, entre muitas outras.

A questão da referência textual vem sendo objeto de pesquisa de um grupo de autores franceses e suíços (Projeto Cognisciences), entre os quais se podem destacar Apothéloz, Kleiber, Charolles, Berrendonner, Reichler-Béguelin, Mondada e D. Dubois.

O principal pressuposto destas pesquisas é o da referenciação como atividade discursiva, como é postulado também em Marcuschi & Koch,1998a; Koch & Marcuschi, 1998b; Marcuschi, 1998; Koch, 1998). Desta forma, de conformidade com Mondada & Dubois (1995) e Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995:228ss), postula-se que:

a. a referência é sobretudo um problema que diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve;

b. o discurso *constrói* os "objetos" a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção;

c. eventuais modificações, quer físicas, quer de qualquer outro tipo, sofridas "mundanamente" ou mesmo predicativamente por um referente, não acarretam necessariamente no discurso uma recategorização lexical. As principais estratégias de referenciação enfocadas nesses trabalhos são as de pronominalização, referenciação por meio de expressões definidas, nominalização e anáfora associativa.

Pode-se, pois, afirmar que estas últimas tendências, embora retomem questões anteriores, estão renovando os estudos em lingüística textual e abrindo-lhes novos caminhos. Merece aqui menção especial a obra mais recente de Robert de Beaugrande - "Novos Fundamentos para uma Ciência do Texto e do Discurso: Cognição, Comunicação e Liberdade de Acesso ao Conhecimento e à Sociedade" - publicada em 1997, em que o autor, além de fazer uma excelente retrospectiva da lingüística textual desde suas origens até os nossos dias, aponta as suas perspectivas e tarefas futuras. Afirmando que *"hoje, a lingüística de texto é provavelmente melhor definida como o subdomínio lingüístico de uma ciência transdisciplinar do texto e do discurso"*, o autor passa a definir o texto como *"um evento comunicativo no qual convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais"*, postulando como motto da lingüística textual de nossos dias: *"Um texto não existe como texto, a menos que alguém o processe como tal"*. Desta forma, os princípios de textualização deixam de ser vistos como critérios ou padrões que um texto deve satisfazer, mas como um conjunto de condições que conduz cognitivamente à produção de um evento interacionalmente comunicativo. Isto é, os sete princípios não são critérios que permitem identificar as fronteiras entre um texto e um não texto, mas

sim as condições para uma ação lingüística, cognitiva e social na qual eles operam como modos de conectividade em níveis diversos, mas interrelacionados (Marcuschi, 1998c:9).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode verificar, a partir da retrospectiva aqui apresentada, é que, desde seu aparecimento até hoje, a Lingüística Textual percorreu um longo caminho, ampliando a cada passo seu espectro de preocupações. De uma simples análise transfrástica, logo acompanhada das tentativas de elaboração de gramáticas textuais, passou a ter como centro de preocupação não apenas o texto em si, mas também todo o contexto - no sentido mais amplo do termo (não apenas o co-texto ou o contexto situacional imediato, mas, principalmente o contexto sócio-cognitivo e cultural) - e a interferência deste na constituição, no funcionamento e, de modo especial, no processamento estratégico-interacional dos textos, vistos como a forma básica de interação através da linguagem.

Parece ter ficado claro que o próprio conceito de texto sofreu profundas alterações: visto primeiramente como simples unidade transfrástica ou como entidade pertencente ao sistema da *langue*, depois como unidade comunicativa e, mais recentemente, como unidade de processamento cognitivo, ele passa agora a ser conceituado como um evento discursivo, no qual convergem ações de ordem lingüística, cognitiva e social.

Desta forma, a Teoria ou Lingüística do Texto vai intensificando o diálogo que já há muito vinha travando com as demais Ciências do Homem, por exemplo, com a Filosofia da Linguagem, a Psicologia Cognitiva e Social, a Sociologia Interpretativa, a Antropologia, a Teoria da Comunicação, a Literatura, a Etnometodologia, a Etnografia da Fala e, mais recentemente, com a Neuropsicologia e as Ciências da Cognição e da Computação, tornando-se, cada vez mais, um domínio multi- e interdisciplinar, em que se busca explicar como se dá a interação social através desse objeto multifacetado que é o texto - fruto de um processo extremamente complexo de produção de linguagem, que traz em seu bojo as marcas desse processo e, portanto, as pistas ou chaves para a sua decifração, no jogo de produção de sentidos.

BIBLIOGRAFIA

ADAM, J.M. (1990). *Éléments de linguistique textuelle*. Liège: Mardaga.

_____. (1993). *Les textes: types et prototypes*. Lausanne: Nathan.

APOTHÉLOZ, Denis. (1995). Nominalisations, réferents clandestins et anaphores atypiques. In: BERRENDONNER, A. e M-J REICHLER-BEGUELIN (eds). 1995:143-173.

_____ e REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (1995). Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A. e M-J. REICHLER-BEGUELIN (eds), 1995: 227-271.

BASTOS, L.K.X. (1985). *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas: Editora da Unicamp.

BEAUGRANDE, R.de (1980). *Text, discourse, and process*. Londres, Longman.

_____ (1997). *New Foundations for a Science of text and Discourse: Cognition, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood, New Jersey: Alex.

BEAUGRANDE e DRESSLER, W.U. (1981). *Einfhrung in die Textlinguistik*. Tübingen, Niemeyer.

BELLERT, I. (1970). On a condition of the coherence of texts. In: *Semiotica*, 2: 335-363.

BERRENDONNER, A. e M.J. REICHLER-BÉGUELIN (eds). (1995). *Du sintagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, p. 143-173.

CHAROLLES, M.; PETÖFI, J. e SÖZER, E. (eds.). (1983). *Research in text connexity and text coherence*. Hamburgo: A. Survey.

CHAROLLES, M. (1994). Anaphore associative, stéréotype et discours. In: SCNEDECKER; CHAROLLES; KLEIBER; DAVID, *L'Anaphore associative*. Paris: Klincksieck, 1994: 67-92.

_____ (1989). Coherence as a principle in the interpretability of discourse. In: HEYDRICH, W.; NEUBAUER, F. e PETÖFI, J. (eds.), *Connexity and Coherence*, Berlim: De Gruyter.

CONTE, M.E. (1977). *La linguistica testuale*. Milão: Feltrinelli Economica.

CONTE, M.E, PETÖFI, J. e SÖZER, E. (eds.) (1989). *Text and discourse connectedness*. Hamburg: Bruske.

COSÉRIU, E. (1955). Deteminación y entorno.De los problemas de la lingüística del hablar. Romanistisches Jahrbuch 7: 29-54.

_____ (1981). *Textlinguistik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr.

DANEŠ, F. (1967). Order of elements and sentence intonation. In: *To honor Roman Jakobson I*. The Hague: Mouton, 499-512.

_____ (ed.). (1974). *Papers on Functional Sentence Perspective*. Praga: The Hague, 1974.

DRESSLER, W.U. (1972). *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer.

FÁVERO, L.L. (1991). *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática.

FIRBAS, J. (1971). On the concept of communicativa dynamism in the theory of functional sentence perspective. In: *Sborník prací filofofické, faculty brnenske university* A 19, 135-144.

GÜLICH, E. (1970). *Makrosyntax*. Die Gliederungssignale im gesprochenen Französich. Munique.

_____ (1981). Dialogkonstutution in institutionell geregelter Kommunikation. In: SCHRÖDER, P. eSTEGER, H. (eds.) *Dialogforschung*. Jahrbuch 1980 des Instituts für deutsche Sprache. Düsseldorf, p.418-456.

_____ e RAIBLE, W. (1977). *Linguistische Textmodelle*. Munique: W. Fink.

_____ e QUASTOFF, U. (1986). Story-telling in conversation. Cognitive and interactive aspects. *Poetics* 15: 217-241.

_____ e KOTSCHI, T. (1987). Reformulierungshandlungen als Mittel der Textkonsitution. In: MOTSCH, W. (ed.). *Satz, Text, sprachliche Handlung*. Berlim (Studia Grammatica XXV), p. 199-261.

HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, H. (1976). *Cohesion in English*. Londres: Longman.

HARTMANN, P. (1968). Zum Begriff des sprachlichen Zeichens. In: *Zeitschrift für Phonetic*, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung 21:205- 222.

HARWEG, R. (1868). *Pronomina und Textkonstitution*. Munique: W. Fink.

HEINEMANN, W. e VIEHWEGER, D. 1991. *Textlinguistik*. Eine Einführung. Tübingen: Niemeyer.

ISENBERG, H. (1970). "Der Begriff 'Text' in der Sprachtheorie". Deutsche Akademie zur Wissenschaften zu Berlin, Arbeitsgruppe Strukturelle Grammatik, Bericht n.8.

KINTSCH, W. e T. van DIJK. (1975). Comment on rappelle et on résume des histoires. *Langage*, 40, 298-116.

_____ (1978). Toward a model of text comprehension and production. *Psychologicaal Review*, 85, 369-394.

KOCH, I.G.V. (1989). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.

_____ (1992). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.

_____ (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.

_____ e TRAVAGLIA, L.C. (1989). *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez.

KOCH, I.G.V. e TRAVAGLIA, L.C. (1990). *A coerência textual*. São Paulo: Contexto.

KOCH, I.G.V. (1998). A referenciação textual como estratégia cognitivo-interacional. (mímeo)

_____. e MARCUSCHI, L.A. (1998). Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: *Gramática do português falado*, v. VIII, Editora da Unicamp.

_____. e Oesterreicher, W. (1990). Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch. Tübingen: Niemeyer.

LANG, E. (1971). Über einige Schwierigkeiten beim postulieren einer 'Textgrammatik'. In: CONTE, E. *La linguistica testuale*. Milão: Feltrinelli Economica, p. 86-120.

_____. (1972). Quand une 'Grammaire de Texte' est-elle plus adéquate qu'une Grammaire de Phrase? In: *Langages*, 7: 75-80.

MARCUSCHI, L.A . (1983). *Lingüística de Texto: o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Série Debates 1.

_____. (1994). Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. (mímeo).

_____. (1998a). Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. In: *DELTA*, número especial, no prelo.

_____. e KOCH, I.G.V. (1998). Processos de referenciação na produção discursiva. (1998). (mímeo).

_____. (1998b). Aspectos lingüísticos, sociais e cognitivos na produção de sentido. Texto apresentado por ocasião do GELNE, 2-4 de setembro de 1998 (mímeo).

MONDADA, L. e DUBOIS, D. (1995). Construction des objets du discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In: BERRENDONNER e REICHLER-BÉGUELIN, op. cit., p. 273-305.

NEUBAUER, F. (ed.). (1983). *Coherence in natural language texts*. Hamburgo: Buske.

NUSSBAUMER, M. (1991). *Was Texte sind und wie sie sein sollen*. Tübingen: Niemeyer.

PETÖFI, J. (ed.). (1986). *Text connectedness from a psychological point of view*. Hamburgo: Buske.

SCHMIDT, S.J. (1973). *Texttheorie*. Probleme einer Linguistik der sprachlichen Kommunikation. Munique: W. Fink.

SÖZER, E. (ed.). (1985). *Text connexity. Text coherence. Aspects, methods, results*. Hamburgo: Buske.

VAN DIJK, T.A. (1972). *Some aspects of textgrammars*. The Hague: Mouton.

_____. (1977). *Text and context*. Londres: Longman.

_____. (1978). *Tekstweteschap*. Een interdisciplinaire inleidig. Utrecht.

_____. (1979). Recalling and summarizing complex discourse. In: BURGHARDT, W. e HÖLKER, K. (eds.). *Text processing*. Berlim: de Gruyter, p.49 -118.

_____.(1980). *Macrostructures*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.

_____. (1985). Structures of news in the press. In: van DIJK, T.A. (ed.) *Discourse ans communication*. Berlim: de Gruyter, p. 69-93.

_____.(1986). News schemata. In: C.COOPER e S. GREENBAUM (eds.). *Studying writing: Linguistic approaches*. Beverly Hills: Sage, p. 155-186.

_____. (1987). *News analysis. Case studies in international and national news*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.

_____. (1988). *News as discourse*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.

_____. (1989). *Communicating racism*. Londres: Sage.

_____. (1993). *Elite discourse and racism*. Londres: Sage.

_____. (1997). Cognitive context models and discourse. (mímeo).

_____. (1994/1995). Cognitive context models in discourse processing. (mímeo).

_____. e KINTSCH, W. (1983). *Strategies of discourse comprehension*. Nova Iorque: Academic Press.

VATER, H. (1992). *Eiführung in die Textlinguistik*. München: W. Fink.

WEINRICH, H. (1964/1971). *Tempus: besprochene und erzählte Welt*. Stuttgart: Kohlhammer

_____. (1966). *Linguistik der Lüge*. Heidelberg: Lambert Schneider.

_____. (1967). Syntax als Dialetik. In: *Poetica*, 1 : 109-126.

_____. (1993). *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim: Dudenverlag.

WERLICH, E. (1979). *Typologie der Texte*. Heidelberg: Quelle & Meyer.

WUNDERLICH, D. 1968. Pragmatik, Sprechsituation, Deixis. In: *Linguistik* 9, Universität Stuttgart.

_____.(1976). *Studien zur Spechakttheorie*. Frankfurt: Suhrkamp.

_____. (1985). Raum, Zeit und das Lexikon. In: *Sprache und Raum*, p. 66-89.

COMUNICAÇÃO E ESTUDOS ENUNCIATIVOS: A CONTRIBUIÇÃO DE ROMAN JAKOBSON

IRENE A. MACHADO

GÊNEROS E FUNÇÕES

Para aqueles que encerraram a obra de Roman Jakobson (1896-1982) nos limites do estruturalismo ou do formalismo, avaliar suas contribuições para os estudos enunciativos talvez possa soar como uma tentativa forçada ou mesmo uma "idéia fora de lugar". Contudo, aqueles que se derem ao trabalho de apenas considerar (não estou falando ler) as duas centenas de textos que Jakobson escreveu em russo, alemão, francês, inglês e em outros idiomas, publicados nos mais diversos países do mundo, certamente irão encontrar razões de sobra para esta inserção. Jakobson conviveu com várias culturas, aprendeu inúmeras línguas, exercitou-se em vários campos do conhecimento: da poética à lingüística, desta à biologia e à neurolingüística; da etnografia e antropologia à teoria da informação e comunicação; da semiótica à cibernética. O motivo que o levou a tamanhos deslocamentos foi um só: *a necessidade de compreender a linguagem em toda sua extensão*. O estudo da língua entre as linguagens tornou-se o objeto único de sua paixão teórica. Seria muito ingênuo acreditar que um pesquisador desse porte nada teria a dizer sobre a enunciação. Não será exagero afirmar que não existe um tema lingüístico que não tenha sido alvo de seu interesse. Como ele costumava dizer, parafraseando o poeta cômico latino Terêncio (185-159 a.C.): *Linguista sum: linguistici nihil me alienum puto* ("Sou lingüista: nada do que diz respeito à linguagem me pode ficar alheio") (Jakobson, 1971: 17).

Descendente de uma linhagem de lingüistas ilustres, Filip F. Fortunatov (1848-1914), Jan Baudouin de Courtenay (1845-1929), Lev V. Chcherba